
Pandemia da Covid-19: uma análise da alteração das rotinas produtivas de radiojornalistas de Campina Grande/PB¹

André Luis Barbosa de OLIVEIRA JUNIOR²

Andresa Thayane Alves da COSTA³

José Ítalo da Silva RAIMUNDO⁴

Verônica Almeida de Oliveira LIMA⁵

Universidade Estadual da Paraíba, Campina Grande, PB

Resumo

O presente artigo propõe analisar as mudanças ocorridas nas rotinas laborais jornalísticas com a implementação do *home office* nas emissoras de rádio, durante o início da pandemia da Covid-19, em 2020. Partindo de autores como Bonix (2019), Sennett (2009), Duarte e Barros (2015) e Traquina (2005), entre outros, o estudo mostra a importância do rádio enquanto veículo de informação frente a infodemia e propagação de *fake news*, bem como, a partir do método da entrevista de profundidade, como a reestruturação das rotinas de trabalho de radiojornalistas afetaram seus cotidianos. Conclui-se que mesmo diante dos impactos que a pandemia impôs, os jornalistas usaram a tecnologia como aliada e continuaram exercendo suas atividades tornando-se evidente novos contornos que o radiojornalismo tem tomado.

Palavras-Chave: Pandemia; Covid-19; Radiojornalismo; Rotinas produtivas.

Introdução

O presente trabalho é parte integrante das pesquisas que estão sendo desenvolvidas no âmbito do Programa Institucional de Bolsas de Iniciação Científica (PIBIC) e que recebem o apoio da Pró-Reitoria de Pós-Graduação e Pesquisa da Universidade Estadual da Paraíba (cota 2021-2022). Seu objetivo é compreender como se deu a rotina produtiva de jornalistas que atuam no radiojornalismo da cidade de Campina Grande (PB) e que passaram pela modalidade de trabalho *home office*, visto a necessidade causada com a emergência trazida com a eclosão da pandemia do novo coronavírus.

¹ Trabalho apresentado na IU01 – Jornalismo, da Intercom Júnior – XVIII Jornada de Iniciação Científica em Comunicação, evento componente do 45º Congresso Brasileiro de Ciências da Comunicação.

² Graduando em Jornalismo pela Universidade Estadual da Paraíba (UEPB). E-mail: andre.junior@aluno.uepb.edu.br

³ Graduanda em Jornalismo pela Universidade Estadual da Paraíba (UEPB). E-mail: andresa.costa@aluno.uepb.edu.br

⁴ Graduando em Jornalismo pela Universidade Estadual da Paraíba (UEPB). E-mail: jose.raimundo@aluno.uepb.edu.br

⁵ Professora Doutora do curso de Jornalismo, do Departamento de Comunicação Social, da Universidade Estadual da Paraíba. E-mail: veronicaoliveira@servidor.uepb.edu.br

Para tanto, o estudo traz à tona o surgimento dos primeiros casos de Covid-19 no Brasil e como a atividade jornalística se tornou ainda mais importante no combate a desinformação, visto que, diante da emergência sanitária, a reprodução de informação podia ser vista, inclusive, como pedagógica uma vez que, no caso deste trabalho, o radiojornalismo, por exemplo, atuou de uma maneira que buscava mostrar às pessoas maneiras de evitar a contaminação pelo vírus.

Entretanto, o desmembramento desta missão não foi fácil. Este trabalho mostra, através do método de entrevista de profundidade (DUARTE & BARROS, 2015), os impactos que a reconfiguração das rotinas laboratoriais radiojornalísticas sofreram com a adoção do modelo *home office*, uma vez que, para continuar informando, os radiojornalistas também precisaram resguardar a própria saúde. A compreensão de tal prerrogativa foi possível através da coleta de dados que só aconteceu por meio de um roteiro semi-estruturado com perguntas abertas que permitiu a coleta de depoimentos de quatro profissionais.

Tal escolha metodológica se deu em razão de que os depoimentos são o reflexo mais real do que foi enfrentado pelos entrevistados, possibilitando à narrativa uma compreensão mais humanizada e ética (KARAM, 2014).

Atividade jornalística e pandemia da Covid-19

O novo Coronavírus faz parte da família de vírus Sars-Cov que causam infecções e problemas respiratórios, e originou-se em Wuhan, China. No Brasil, a disseminação da doença ocorreu muito rapidamente tendo o primeiro caso registrado em 26 de fevereiro de 2020, na cidade de São Paulo e, segundo a Secretaria de Saúde⁶, pouco menos de um mês depois todos os estados do país já possuíam ao menos um registro de infecção por Covid-19. Inseridos neste contexto de incertezas, órgãos nacionais e internacionais de saúde iniciaram recomendações com o intuito de alertar a população sobre a letalidade que a infecção pela doença poderia causar. Assim, a Organização Mundial de Saúde (OMS) caracterizou que a propagação do novo Coronavírus como uma pandemia⁷ e portarias começaram a ser emitidas no Brasil,

⁶ Disponível em: <https://www.paho.org/pt/node/69303>. Acesso em 04 jun. 2022.

⁷ Disponível em: <https://www.paho.org/pt/news/11-3-2020-who-characterizes-covid-19-pandemic>. Acesso em 04 jun. 2022.

como a portaria N° 188 de 03 de fevereiro de 2020⁸ assinada pelo presidente da república, Jair Messias Bolsonaro, que corresponde a adoção de medidas restritivas, bem como a recomendação de N° 027 de 22 de abril de 2020⁹, pronunciada pelo Conselho Nacional de Saúde (CNS), que diz respeito às ações desenvolvidas pelos poderes legislativo, executivo e judiciário para o enfrentamento à pandemia.

Com o início da pandemia do novo Coronavírus, houve a emergente necessidade de remodelação das atividades executadas diariamente pela população com o intuito de resguardo da saúde. Servidores de empresas privadas e públicas foram diretamente afetados, e com os profissionais de jornalismo não foi diferente. Dentre as principais recomendações dos órgãos de saúde estava a necessidade de isolamento social, como afirmou a CNS:

Considerando a Recomendação CNS no 27, de 22 de abril de 2020, que recomenda aos Poderes Executivo (Federal e Estadual), Legislativo e Judiciário, ações de enfrentamento ao novo Coronavírus, dentre os quais, a sustentação da recomendação de manter o isolamento (ou distanciamento) social, num esforço de achatamento da curva de propagação do novo Coronavírus, até que evidências epidemiológicas robustas recomendem a sua alteração. (BRASIL, 2020c, n.p.).

Com o objetivo de conter o avanço da contaminação dos estados do país, os três níveis do poder executivo brasileiro interviram. Por meio de decreto, na esfera Federal, o governo prescreveu, devido a importância do seu exercício, quais eram as atividades que deveriam continuar a serem executadas. Em 20 de março de 2020, saiu o primeiro decreto de N° 10.282 regulado pela lei 13.979 (BRASIL, 2020a, n.p.), sendo este a não considerar o trabalho jornalístico como atividade de serviço essencial durante a pandemia. Após dois dias de inexoráveis críticas, em 22 de março de 2020, através de um novo decreto de N° 10.288 (BRASIL, 2020b, n.p.), o governo incluiu à imprensa a lista de atividades de serviços essenciais durante a pandemia da Covid-19.

Dessa maneira, apesar das restrições colocadas sobre as cidades ordenadas pelo poder público, a imprensa pôde continuar seu serviço de levar informação — sendo

⁸ Declara Emergência em Saúde Pública de Importância Nacional (ESPIN) em decorrência da Infecção Humana pelo novo Coronavírus (2019-nCoV). Disponível em:

https://www.planalto.gov.br/ccivil_03/portaria/portaria-188-20-ms.htm. Acesso em 04 jun. 2022.

⁹ Recomendada aos Poder Executivo, federal e estadual, ao Poder Legislativo e ao Poder Judiciário, ações de enfrentamento ao Coronavírus. Disponível em:

<https://conselho.saude.gov.br/recomendacoes-cns/1132-recomendacao-n-027-de-22-de-abril-de-2020>. Acesso em 04 jun. 2022.

desta vez de uma maneira até pedagógica, já que havia contribuição no que diz respeito a instruções de prevenção — para a população. Entretanto, é importante ressaltar que com o intuito de evitar a disseminação do vírus em seus locais de trabalho, as próprias redações jornalísticas também se viram obrigadas a tomar algumas precauções. Inseridos nestas circunstâncias, até mesmo antes dos decretos presidenciais, organizações como a Federação Nacional dos Jornalistas (FENAJ, 2020b, n.p.) propagandearam diretrizes que alertassem sobre instruções preventivas ao vírus à empresas jornalísticas. Dentre as muitas recomendações, estava a adesão do *home office* ou teletrabalho, destinado aos jornalistas que não tivessem com quem deixar os filhos pequenos e para aqueles que se enquadrassem nos grupos de risco vulneráveis à doença.

Contudo, também foram adotados alguns protocolos nas rotinas de quem continuou trabalhando presencialmente nas empresas. Por exemplo, na Paraíba, na Rede Correio de Comunicação, foi determinado, para a TV e rádio, a “proibição do uso de lapela para entrevistados no estúdio e representantes de merchandising e a substituição por microfones de mão”. (SIQUEIRA; DIAS; BANDEIRA, 2020, p.153). Não obstante, a empresa ainda preceitou o uso obrigatório da máscara de proteção facial de maneira que cobrisse o nariz e a boca, bem como encontros isolados para reuniões de pautas por cada equipe de determinado programa ou jornal. (SIQUEIRA; DIAS; BANDEIRA, 2020).

A partir deste cenário de constante remodelação das atividades jornalísticas frente ao propagação do vírus da Covid-19 no Brasil, torna-se imprescindível, aqui, ressaltarmos a importância da rotinização do trabalho dos profissionais de jornalismo que, neste caso, muitos tiveram que transferir seus locais de trabalho para dentro das próprias casas. Assim, fica claro inferir que estes tiveram que recriar uma rotina de trabalho que se adaptasse ao dia a dia da própria família em isolamento e que, ainda, fosse necessário manter a qualidade final do produto jornalístico. Dessa maneira, é possível fazer um parâmetro entre o que afirma Noblat (2003, p.122): “Nas redações trabalhamos sujeitos a surpresas, justamente por isso é preciso respeitar normas, ter métodos e padrões bem definidos”. Em contrapartida, Traquina (2012) acredita que diferentes maneiras de processar diferentes tipos de acontecimentos, “permite aos repórteres trabalhar com mais eficácia”. (TRAQUINA, 2012, p.193). Entretanto, se realmente uma rotina de trabalho bem estruturada e diferentes formas de interpretação

de “estórias” permite uma boa produção do produto jornalístico, como esses profissionais aplicam esses conceitos trabalhando, em sua grande maioria, de dentro de casa durante uma pandemia?

Fazendo uma comparação entre as rotinas produtivas do jornalismo antes e depois do início da pandemia da Covid-19, fica nítido que a forma de editar, entrevistar ou até produzir teve que ser reconfigurada, já que os profissionais que executam tais funções foram obrigados a descobrir uma nova maneira de trabalhar no ambiente domiciliar. Nos atentando, em especial, ao radiojornalismo campinense, como veremos mais adiante, constataremos que, por exemplo, os repórteres ao invés de irem para as ruas buscarem informações, começaram a fazer suas entrevistas de dentro de casa solicitando e orientando maneiras das fontes enviarem sonoras através de áudios e que fossem enviados através de plataformas digitais.

Contudo, comprovaremos que a execução dessas atividades no modelo *home office* configuram o que Sennett (2009) conceitua como “profissional flexitempo”, uma vez que a exigência da produção do conteúdo jornalístico se tornou com horário flexível, ou seja, sem horário certo para acabar ou começar, bem como a demanda se tornou ainda mais sobrecarregada. A Federação Nacional dos Jornalistas (FENAJ, 2020a, n.p.) comprovou que ao menos 55% dos seus 457 jornalistas entrevistados tiveram sobrecarga nos horários de trabalho, bem como aumento na pressão pelo acúmulo de tarefas e resultados. Assim, observamos que mesmo com a pandemia, a produtividade, necessariamente, tem que ser a mesma ou até maior, tendo como diferencial a execução de um trabalho que invade a vida pessoal do jornalista, já que, inevitavelmente, invade sua casa.

A importância do rádio como veículo de informação durante a pandemia

Durante a pandemia o acesso à informação se tornou mais limitado de diversas formas, sobretudo de acordo com o estudo realizado pela Pesquisa Nacional por Amostra de Domicílios Contínua - Tecnologia da Informação e Comunicação (Pnad Contínua TIC), em 2018, um em cada quatro brasileiros não possui acesso à internet. O rádio ainda é o maior veículo de difusão da informação pelo seu fácil acesso e por seus sinais alcançarem lugares que ainda possuem acesso precário ou inexistente à internet.

Devido ao cenário de infodemia¹⁰ no qual a população foi submetida, os veículos de imprensa se viram presos a um cenário de *fake news*¹¹ e desinformação¹² excessiva a ser combatido pelos veículos jornalísticos. Desse modo, pode-se observar que embora houvesse esforços por parte da imprensa e dos jornalistas para combater esse quadro, este era impulsionado pelo então presidente da república, Jair Bolsonaro, e que, não obstante, realizava incessantes ataques à imprensa. Segundo a Associação Brasileira de Jornalismo Investigativo (ABRAJI)¹³, foram realizados 801 ataques à imprensa pelo *Twitter* desde janeiro de 2021. Todo esse contexto afeta não só a difusão da informação, mas também o exercício da profissão. A produção de conteúdo remoto foi, com certeza, afetada por esses ataques. Se antes as configurações de comunicação estavam preocupadas com o acesso à informação rápida e de qualidade, agora se veem preocupados em não só informar como também se defender.

Esse número mostra que o presidente não só ataca sistematicamente a imprensa como inimiga principal de seu governo, mas estimula que outros façam o mesmo. Isso vale para agentes estatais que o apoiam, mas também para cidadãos comuns – agentes não estatais que servem como amplificadores da perseguição contra os meios de comunicação e seus profissionais. Com isso, mais da metade dos ataques tem o governo federal como principal beneficiário das violações contra a liberdade de imprensa. (MONITORAMENTO DE ATAQUES A JORNALISTAS NO BRASIL, 2022)

De acordo com a exigência de produção de conteúdo remoto para cumprir as normas de distanciamento impostas pelo coronavírus, pode-se observar que isso afetou a dinâmica do radiojornalismo e o que temos como jornalismo de proximidade, bem como a alteração na sua plataformação no streaming como estratégia integração, como foi explanado no dossiê da Revista Geminis¹⁴ onde a rádio CBN e BrandNews utilizaram três agregadoras de conteúdo em áudio: a *Apple Podcast*, *Google Podcast* e *Spotify*.

¹⁰ Pode ser caracterizada pelo grande excesso de informações, o fenômeno nasceu nos anos 2000 graças à internet e só cresce com a popularização do acesso à mesma. Ganhou mais força durante a pandemia do covid-19, infodemia significa uma epidemia de informações.

¹¹ Termo em inglês que se refere a notícias falsas, o conceito nasceu da ação de enganar o maior número de consumidores da notícia.

¹² Nasce da ideia do ruído ou da ausência da informação como instrumento de alienação coletiva.

¹³ Disponível em: <https://abraji.org.br/publicacoes/relatorio-monitoramento-de-ataques-a-jornalistas-no-brasil> Acesso em 15 de julho de 2022.

¹⁴ Disponível em: <https://www.revistageminis.ufscar.br/index.php/geminis/article/view/640> Acesso em 03 de julho de 2022.

Ao contrário do que pode parecer pelos novos modos de fazer jornalismo por causa das mídias digitais, o rádio ainda é um veículo que utiliza o olho no olho e que tem muita proximidade com a fonte. Pode-se constatar também a importância do rádio em meio a crise social e política que foi acirrada pelo coronavírus, como o maior veículo difusor da informação e que se encontra num ecossistema que se alimenta de ouvintes todos os dias. A importância do seu fortalecimento durante a pandemia foi essencial para combater as *fake news* e essa infodemia de notícias. Segundo a pesquisa do Inside Rádio 2021¹⁵, o número de ouvintes subiu de 78% em 2020 para 80% em 2021 nas 13 regiões metropolitanas analisadas no estudo. O número de pessoas sintonizadas se manteve constante diariamente, o que mostra que cresceu e com qualidade. Em paralelo a essa análise, pode-se utilizar também a pesquisa da Kantar Ibope Mídia¹⁶ sobre o rádio como meio de informação como entretenimento na pandemia em que 71% dos entrevistados afirmaram ouvir a mesma quantidade de rádio ou mais após as medidas de isolamento social e 20% disseram ouvir muito mais rádio durante o isolamento.

Apesar das vantagens e desvantagens da proximidade, a falta dela produziu um jornalismo mais duro e sem tanto impacto, pois a presencialidade das situações traz uma nova subjetividade aos fatos apresentados e expostos no fazer jornalístico. Também é um fator crucial ressaltar que a falta da dinâmica afeta as rotinas produtivas, já que é uma mudança no ambiente de trabalho. O rádio é um veículo conhecido pela sua rapidez de comunicar os fatos e construir essa mudança dentro de casa e longe da realidade da redação foi uma tarefa complexa ressaltada nas entrevistas. O rádio é um veículo de comunicação massiva desde os primórdios e seu papel de relevância também se deve ao critério de proximidade com a audiência. Bonixie (2019) caracterizou os rádios locais em três dimensões: alternativa, democrática e proximidade.

Sob esta perspectiva, o rádio local caracteriza-se pelo seu caráter de localismo e de proximidade com os ouvintes e com a comunidade onde está inserida e de onde retira sua razão para existir. Representa, nesse sentido, um espaço para o debate sobre a comunidade se revê. O rádio local é, deste modo, um palco para que se afirme o individual e o coletivo fundidos numa identidade local. É

¹⁵ Disponível em:

<https://negocios.com.br/blog/dados-sobre-o-consumo-de-audio-em-2021-radio-e-podcast/#:~:text=O%20Inside%20Radio%202021%20mostra,o%20meio%20manteve%2Dse%20constante>. Acesso em 16 de julho de 2022.

¹⁶ Disponível em: <https://www.kantaribopemedia.com/brasil-consumo-de-radio/> Acesso em 04 de julho de 2022.

facilitadora da integração do homem na sua comunidade, no seu bairro ou na sua região. (BONIXE, 2019, p.15)

Pode-se observar, desta forma, que mesmo com as rotinas afetadas, a qualidade da produção não diminuiu. Dessa maneira, é possível considerarmos o radiojornalismo como mecanismo fundamental de levar a informação num momento tão crítico e preocupante que agravou a crise social, política e sanitária que atravessamos no país. O rádio para além de uma plataforma midiática, também é uma plataforma social que está preocupada igualmente com os fatores sociais e políticos aliados a sua produção rápida, prática e sempre intencionada em atingir mais ouvintes para além da fidelização dos ouvintes diários. Nessa perspectiva, foi construído um novo horizonte de sentido que antes pareciam mudanças imperceptíveis, mas que ganharam força na nova rotinização do trabalho em *home office*.

Assim, utilizamos o método de entrevista em profundidade dando preferência a radiojornalistas que trabalharam em regime remoto na pandemia. Observou-se que a forma de atuação remodelou-se, já que uma das principais características do jornalismo produzido no interior é a proximidade. Sendo assim, as fontes que antes eram entrevistadas presencialmente deram espaço a entrevistas por telefone, os dados que eram repassados por relatórios em reuniões, agora eram todos enviados de forma virtual através de grupos no *WhatsApp* para obedecer as novas regras estabelecidas pelo coronavírus que remodelou as técnicas de entrevista, reportagem e apuração dos fatos.

Constatar que as rotinas produtivas mudaram é se prender à superfície do exercício da profissão. Elas não só mudaram, como também foram reinventadas e algumas ainda continuam atuando de maneira remota pelo bom desempenho alcançado na pandemia e pela praticidade da redação remota. Desta forma, a nova dinâmica de trabalho alcançada considera impasses, mas também ressalta os imediatismos com o qual as mídias digitais impõem aos jornalistas que na briga pela notícia desenvolvem um esforço maior pela checagem dos fatos e por noticiar com responsabilidade, como poderemos exemplificar a seguir.

Metodologia

Para compreender como a pandemia da Covid-19 alterou as rotinas produtivas dos radiojornalistas de Campina Grande (PB), principalmente os que atuaram na modalidade *home office*, optou-se pelo uso da entrevista em profundidade, realizada a partir de quatro entrevistados de três diferentes emissoras de rádio de Campina Grande (PB). A abordagem busca entender as dificuldades, o processo de adaptação e os impactos na produtividade dos jornalistas que desenvolveram suas atividades em sua própria residência.

A entrevista em profundidade como recurso metodológico se legitima não pela quantidade, mas pela qualidade, profundidade, detalhamento e contextualização dos relatos que os entrevistados podem oferecer. Nestes termos, ao analisar os dados busca-se as regularidades temáticas e os significados atribuídos a elas. Segundo Duarte e Barros (2015, p. 62), “A entrevista em profundidade é um recurso metodológico que busca, com base em teorias e pressupostos definidos pelo investigador, recolher respostas a partir da experiência subjetiva de uma fonte, selecionada por deter informações que se deseja conhecer”.

Levando tal contexto em consideração, a seleção das fontes foi realizada, elegendo-se duas produtoras/apresentadoras e dois apresentadores, sendo dois da Rádio Cariri FM, uma da Lagar FM e outro da Correio FM, todos tiveram que se adaptar a rotina *home office* devido a pandemia de Covid-19. Tal seleção visa explorar profundamente a singularidade de cada experiência, dando ao entrevistado o protagonismo, uma vez que expressará opiniões, vivências e emoções que constituem, neste caso, suas experiências profissionais em uma dada rotina laboral.

Por motivos éticos, optou-se por omitir suas identidades neste trabalho, os mesmos serão identificados como Entrevistado 1, Entrevistado 2, Entrevistado 3 e Entrevistado 4. As entrevistas foram realizadas entre os dias 26 de janeiro e 17 de fevereiro pela plataforma de reuniões online Google Meet. Após gravadas, as respostas dos entrevistados foram transcritas, organizadas através de linhas temáticas e em seguida analisadas resultando neste material.

Como instrumento de coleta de dados utilizou-se um roteiro de perguntas semiestruturado com perguntas abertas para facilitar o processo de obtenção de respostas, podendo explorar ao máximo todas as informações durante a realização da entrevista.

Análise de dados

Sabe-se que com a pandemia de Covid-19 as rotinas de trabalho passaram por um dilema de como se adequar ou até mesmo se adaptar de forma que continuasse o exercício de uma função sem que perdesse a qualidade e continuasse dando um retorno diante da modalidade *home office*. Tal dilema afetou de forma notória os meios de comunicação, que tiveram que passar por uma adaptação para continuar exercendo o seu principal dever, o de informar. Se tratando do radiojornalismo, os profissionais tiveram que reinventar-se e adquirir novas habilidades para continuar inseridos no mercado e exercendo seu trabalho, nota-se isso através dos dados analisados.

Até então, eles estavam imersos em uma rotina presencial nos estúdios, os produtores apurando informações e produzindo pautas, e os apresentadores na execução dos programas jornalísticos diários. A pandemia alterou essa forma de trabalho porque, embora tendo que colocar os jornais no ar, eles tiveram que continuar produzindo e cumprindo as demandas de casa. O motivo que levou todos os entrevistados a trabalharem de casa foi a recomendação por parte da própria empresa.

Mesmo atuando das suas residências, ou seja, uma mudança no ambiente de trabalho, os profissionais prosseguiram com suas atividades diárias, que é a de proporcionar informações para a sociedade, ou seja, entregar um produto final, que passa por um processo de produção, definido pela seleção e a transformação de acontecimentos em notícias (TRAQUINA, 2005, p. 180). Conforme o Entrevistado 1, o processo de busca por informações seguiu da mesma forma, fazendo a ronda por portais, lendo matérias e já programando tudo para o jornal.

Ainda mais em meio a um crise, o rádio possui um importante papel informativo e social, tal afirmativa é corroborada com o conceito de radiojornalismo do professor Eduardo Meditshch (2001), que define o rádio como um veículo informativo e tem como intenção deixar a sociedade ciente dos acontecimentos em tempo real. E, diante da análise, foi algo em comum entre todos os profissionais, eles traziam diariamente informações e números da atual situação que se encontrava o Brasil.

Entrevistado 3: Em março foram surgindo os primeiros casos da pandemia no Brasil e eu trazia as informações no programa. Ninguém sabia quais os perigos

potenciais e naquele momento a ideia era a gente evitar o máximo a exposição, e aí eu vim pra casa e continuei acompanhando todo o desenrolar da pandemia. Ia acompanhando os números dia a dia. (Entrevista realizada em 31 de janeiro de 2022).

Para trazer tais informações relevantes e factuais para a população, foi de extrema importância o papel da assessoria de imprensa, pois tal profissão veio por meio dos órgãos oficiais com a prestação de serviço, oferecendo informações das medidas que precisavam serem tomadas e também foi o ponto focal entre os meios de comunicação com a oficialização dos números. Tal contato se deu com o suporte da tecnologia por meio de plataformas digitais, que foram imprescindíveis durante esse período, principalmente, por meio do aplicativo do Whatsapp, como relata o Entrevistado 1: “O que nos ajudou nessa época, durante a pandemia, para fazer a produção foram os assessores de imprensa por meio de grupos de Whatsapp, eles foram e fundamentais. Eles disponibilizavam sonoras de secretários [...]” (Entrevista realizada em 17 de fevereiro de 2022).

Quanto à informação, os entrevistados estavam munidos e exercendo o papel do radiojornalista, informando, o que surge de novo é o processo de repasse dessas informações, ou seja, se depara com um novo formato, o digital. É a adaptação ao *home office*, é a busca por tornar sua rotina de trabalho produtiva e conforme foi dito por nossos personagens, a adaptação se deu de forma gradativa e foi um pouco complicada inicialmente, justamente por ter que lidar com novas ferramentas, porém, com a ajuda de familiares foi “tirando de letra”, como afirmou o Entrevistado 3. Diante do exposto, o ambiente de casa trazia mais segurança para trabalhar, ponto em comum citado por todas as fontes.

Quando questionados sobre as mudanças e impactos do trabalho remoto, os entrevistados foram unânimes no que diz respeito ao contato físico, tanto com os colegas de trabalho, quanto com os entrevistados. Se tratando do contato presencial no estúdio com a bancada de apresentadores, a comunicação, às vezes, era falha, pois não obtinham o retorno do outro em tempo real, a falta de interatividade, além de tornar um trabalho “mais frio”, devido ao distanciamento. De acordo com um dos entrevistados:

Entrevistado 2: Teve dificuldade, eu dava uma opinião e não sentia interação por parte dos outros apresentadores. Eu terminava de falar e depois ficava aquele silêncio do outro lado do estúdio. Quando estávamos no estúdio, de maneira presencial, era muito diferente. Porque você interfere na fala do outro,

você complementa a fala do outro. Se tornou um trabalho um pouco mais frio. O olho no olho é diferente. (Entrevista realizada em 28 de janeiro de 2022).

E, no que concerne aos entrevistados dois pontos foram levantados, a primeira barreira foi referente a interferência durante um ao vivo e a falta de habilidade com as plataformas digitais e a segunda barreira é justamente o contato físico, é sentir o que entrevistado queria passar o que ele estava sentindo naquele momento, a reação diante de uma pergunta. O Entrevistado 1 afirma:

Foi um pouquinho complicado no começo, principalmente quando diz respeito ao entrevistado, eles não tinham habilidades para mexer em algumas ferramentas digitais e acabava fazendo por telefone, às vezes, a ligação ficava ruim, com ruído. E tem a questão do contato físico, porque muitas vezes a expressão do teu entrevistado diz muito. Quando você faz uma entrevista através do Google Meet, você não tem olho no olho para sentir a expressão. Esses detalhes é o que falta quando você faz essa produção remota. (Entrevista realizada em 17 de fevereiro de 2022).

O fato é que todos os profissionais sentiram que a ausência deles no estúdio afetou a comunicação, o que era essencial para rotina produtiva. Porém, as ferramentas tecnológicas foram primordiais para a execução do trabalho.

Outra mudança, que é identificada como dificuldade e que foi verbalizada durante a pesquisa foi a conexão de internet, que por vezes afetava o desempenho de um programa, pois a mesma apresentava instabilidade, como mostrou o Entrevistado 3 “Dificuldade temos a conexão da internet, a qualidade pode cair [...]” (Entrevista realizada em 31 de janeiro de 2022). Outro problema levantado foi o exercício do trabalho em um ambiente que não era propício para a execução, por se tratar de rádio a acústica possui uma certa influência na qualidade do som que o ouvinte terá. Então, por ter que exercer sua função de casa o som ambiente não contribuía, terminava desconcentrando, como mostra a fala de um dos entrevistados:

Entrevistado 1: [...] pra mim tem mais dificuldade, porque tem o som da vizinhança, é o cachorro latindo, é o carro do vizinho que sai, pessoas dentro de casa. Eu acho que desconcentra muito. Trabalhar em *home office* é preciso que você tenha realmente um ambiente que você possa ficar ali focado no que está fazendo. Tecnicamente resolve o problema. (Entrevista realizada em 17 de fevereiro de 2022).

Com a realização do trabalho em casa, além de ter que aprender a usar as plataformas digitais, o Entrevistado 2 mostrou que “no começo eu tive um pouco de

dificuldade com as plataformas Google Meet e Zoom, mas a tecnologia ajudou muito” (Entrevista realizada em 28 de janeiro de 2022), os profissionais tiveram que desenvolver novas competências para poder agilizar os processos, tendo que operacionalizar softwares de edição, o Entrevistado 3 relata que “[...] a edição de áudios, eu tive que desenvolver essa habilidade para ter maior rapidez para editar o material.” (Entrevista realizada em 17 de fevereiro de 2022). Observa-se o profissional tendo que desenvolver outros papéis, não por obrigação, porém, seria a cobrança por conta própria para oferecer agilidade ao seu trabalho, tornando-o em um jornalista multifacetado.

Novos formatos foram implantados aos programas radiofônicos, buscando trazer um ar de leveza em meio ao bombardeio de informações da crise sanitária que o mundo vivenciava, o Entrevistado 3 afirma que “O jornalismo é muito dinâmico. Então, na sexta-feira eu montei um projeto de *live*. Entrava um artista comigo ao vivo e cantava para os ouvintes e telespectadores.” (Entrevista realizada em 31 de janeiro de 2022). Tal afirmação, corrobora mais uma vez com o jornalista adquirindo novas facetas.

Quando questionados sobre a demanda de trabalho, os profissionais que atuam como produtores afirmam que você tem que ter a consciência e reconhecer o momento de descansar, pois o jornalismo é sacerdócio, ainda mais quem trabalha na produção, pois não para, qualquer matéria que é lida passa pelo critério de seleção para analisar se vira pauta ou não. Já para os apresentadores afirmaram que demandou mais trabalho por conta das circunstâncias em que estavam inseridos.

Por fim, a pesquisa mostra que a pandemia alterou a forma de trabalho, trouxe consigo algumas dificuldades, porém, a tecnologia foi uma forte aliada no que diz respeito a continuidade da função do radiojornalista. Tornou-se evidente alguns aspectos que vieram para contribuir com o jornalismo e também novos formatos que ganham contornos e que se faz necessário a adaptação da mídia tradicional ao jornalismo digital.

Considerações finais

A partir do presente trabalho é possível constatar que a pandemia de Covid-19 trouxe impactos e dificuldades ao exercício dos radiojornalistas que atuam na cidade de Campina Grande-PB, tanto aos produtores, quanto aos apresentadores, sobretudo

quando diz respeito ao modelo de trabalho *home office*. Diante da crise sanitária imposta, os profissionais por recomendação das empresas tiveram que atuar de suas residências, afinal, o rádio como veículo informacional teria que permanecer a população atualizada e surge diante disso a moldagem ao trabalho remoto.

Neste contexto, nota-se diante da presente pesquisa que, inicialmente, o processo de adaptação tornou-se dificultoso para os entrevistados por ter que lidar com novas ferramentas que não estavam acostumados no dia-a-dia. Atrelado a isso, os profissionais tiveram que adquirir novas habilidades para poder agilizar os processos, tendo como exemplo o manuseio em softwares de edição de áudios.

A respeito do trabalho desenvolvido da própria casa, entendeu-se que o ambiente não era propício para a execução das suas atividades e que acarretava na desconcentração, pois, às vezes, tinha a presença de barulhos externos, como cachorro da vizinhança, carros, entre outros e que terminava afetando na qualidade do áudio ao ser transmitido no rádio.

Outro aspecto que merece destaque diz respeito ao contato físico, compreendeu-se que este foi um ponto no qual os entrevistados tiveram que se adaptar, com a ausência deste contato os jornalistas notaram que não obtinham uma interação por parte dos colegas de trabalho, como também não conseguiam sentir o que os seus personagens transmitiam em suas falas durante uma entrevista, não tinha o olho no olho, porém, as ferramentas tecnológicas foram essenciais para a execução do trabalho.

Fundamentando-se nesta afirmativa, vale ressaltar a contribuição da tecnologia que permitiu toda a conectividade por meio das plataformas digitais, conforme foi citado pelos entrevistados. Por mais que de início o uso tenha sido uma barreira, tais ferramentas foram de extrema importância para prosseguir com sua atuação enquanto jornalista e também permitindo que os programas de rádio ganhassem novos contornos e novas ferramentas para alcançar os seus ouvintes.

Referências

BIANCO, N.; LIMA, H. **Radiojornalismo de proximidade e desinformação no contexto da Pandemia de Covid-19**. Comunicação & Inovação, São Caetano do Sul, v.23, -n.51, p.75-95, 02, 2022.

BONIXE, L. **As rádios locais em Portugal** - da gênese ao online. Contexto e prática do jornalismo de proximidade. Lisboa; ICNOVA, 2019.

BRASIL. **Decreto no 10.282, de 20 de março de 2020**. Regulamenta a Lei no 13.979, de 6 de fevereiro de 2020, para definir os serviços públicos e as atividades essenciais. Brasília/DF: Diário Oficial da União [2020a]. Disponível em: <https://www.in.gov.br/en/web/dou/-/republicacao-249098206>. Acesso em 04 de jun. 2022.

BRASIL. **Decreto no 10.288, de 22 de março de 2020**. Regulamenta a Lei no 13.979, de 6 de fevereiro de 2020, para definir as atividades e os serviços relacionados à imprensa como essenciais. Brasília/DF: Diário Oficial da União [2020b]. Disponível em: <https://www.in.gov.br/web/dou/-/decreto-n-10.288-de-22-de-marco-de-2020-249098577>. Acesso em 04 de jun. 2022.

BRASIL. **Recomendação N° 027, de 22 de abril de 2020**. Recomenda ao Poder Executivo, federal e estadual, ao Poder Legislativo e ao Poder Judiciário, ações de enfrentamento ao Coronavírus. Brasília, DF: Conselho Nacional de Saúde – CNS [2020c]. Disponível em: <https://conselho.saude.gov.br/recomendacoes-cns/1132-recomendacao-n-027-de-22-de-abril-de-2020>. Acesso em 04 de jun. 2022.

DUARTE, J. Entrevista em profundidade. In: DUARTE, J. e BARROS, A. **Métodos e técnicas de pesquisa em comunicação**. São Paulo: Atlas, 2015.

FENAJ. Coronavírus: FENAJ reúne informações sobre ações e orientações dos Sindicatos de Jornalistas em todo o país. **Federação Nacional dos Jornalistas**, 18 mar. 2020b. Disponível em: <https://fenaj.org.br/covid-19-entre-jornalistas-crece-pressao-no-trabalho-profissionais-tem-salario-reduzido/>. Acesso em 04 de jun. 2022.

FENAJ. Covid-19 entre jornalistas: Cresce pressão no trabalho; profissionais têm salário reduzido. **Federação Nacional dos Jornalistas**, 17 jun. 2020a. Disponível em: <https://fenaj.org.br/covid-19-entre-jornalistas-crece-pressao-no-trabalho-profissionais-tem-salario-reduzido/>. Acesso em 04 de jun. 2022.

KARAM, F. J. C. **Jornalismo, ética e liberdade**. 4.ed. São Paulo: Summus, 2014.

MEDITSCH, E. **O Rádio na Era da Informação: Teoria e Técnica do Novo Radiojornalismo**. Florianópolis, Editora da UFSC / Editora Insular, 2001.

NOBLAT, R. **A arte de fazer um jornal diário**. 4ed. São Paulo: Contexto, 2003.

PINHEIRO, E. B.; DEL BIANCO, N. R. **A integração de emissoras de rádio all news brasileiras às plataformas de streaming de áudio**. Revista GEMINIS, [S. l.], v. 12, n. 3, p. 222–241, 2022. DOI: 10.53450/2179-1465.RG.2021v12i3p222-241.

SENNETT, R. **A corrosão do caráter**; as consequências pessoais do trabalho no novo capitalismo. 14 ed. Rio de Janeiro: Record, 2009.

TRAQUINA, N. **Teorias do jornalismo**; porque as notícias são como são. Vol 1. 3 ed. Insular, 2012.